

# A determinação semântica de SUPOSTO: um estudo sob a óptica da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

*Semantic determination of SUPOSTO: The Theory of Predicative and Enunciative Operations point of view*

Marly de Fátima Ferreira<sup>1</sup>  
Universidade do Estado de Mato Grosso

Albano Dalla Pria<sup>2</sup>  
Universidade do Estado de Mato Grosso

♦ **RESUMO:** Neste artigo, objetivamos analisar enunciados com ocorrência da unidade linguística suposto. O nosso intuito consiste em apreender os processos enunciativos de seus funcionamentos, com foco no papel da construção da significação e do valor semântico que estabilizam. Dessa forma, nos sustentamos teoricamente na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), proposta por Antoine Culioli. Ressalte-se que a TOPE é um programa de trabalho teórico e metodológico. No decorrer das análises percebemos a unidade linguística SUPOSTO funcionando como um gesto de dúvida. Sua presença no processo de construção dos enunciados provocou obstáculos para a estabilização de valores de acordo com o empírico do que seria, por exemplo: ladrão, venda, invasão e delito.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** TOPE. Suposto. Operações Enunciativas.

♦ **ABSTRACT:** In this article, we aim to analyze utterances with occurrence of the supposed linguistic unit. Our aim is to apprehend the enunciative processes of their functioning, focusing on the role of constructing meaning and the semantic value that they stabilize. Thus, we are theoretically based on the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), proposed by Antoine Culioli. It should be noted that TOPE is a theoretical and methodological work program. During the analysis we noticed the linguistic unit SUPOSTO (supposed) working as a gesture of doubt. Its presence in the process of construction of statements caused obstacles to the stabilization of values according to the empirical of what it would be, for example: thief, sale, invasion and crime.

♦ **KEYWORDS:** TOPE. Supposed. Enunciative Operations.

<sup>1</sup> Mestre em Linguística pelo Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT). Doutoranda em Linguística pelo PPGL/UNEMAT. Advogada militante. E-mail: marlyfat@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara). Realizou estágio pós-doutoral na área de Semântica na Universidade Nova de Lisboa (Portugal). É professor adjunto do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso. (UNEMAT). E-mail: adallapria@gmail.com.

## 1. Introdução

Diferentemente dos estudos linguísticos que se consolidaram no rastro da teoria do signo, nos quais não fica muito claro com que finalidade os falantes relacionam unidades, se depois de as relacionar, tanto o todo resultante quanto à parte, (a unidade) não se alteram, a proposta de articulação do léxico com a gramática e a sua fundamental indeterminação oferecem uma razão ao trabalho dos sujeitos. Ao se relacionar as partes criando um todo integrador, parte e todos se alteram e, nesse momento, a linguagem pode ser vista como uma forma ou esquema de ação, que ao mesmo tempo fornece ao sujeito as possibilidades de se constituir (REZENDE, 2000, p. 25).

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), proposta por Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b), toma por objeto de estudo o enunciado, e esse não é resultado final, mas um processo que vai conduzindo e se constituindo. Convém ressaltar que a enunciação só é possível de interpretação em relação a um contexto que é desencadeado pelo próprio enunciado. Nessa perspectiva “todo enunciado é um evento que nasce de uma relação semântica entre domínios nocionais e aponta para uma certa direção de sentido, um lugar onde as propriedades dos termos estão cultural e historicamente adequadas” (PRIA, 2018, p. 139).

Nesse quadro teórico, a linguagem é compreendida como uma atividade de representação que é apreendida por meio das línguas naturais. Como consequência, a semântica é a “análise das representações mentais desencadeadas e apreendidas por meio do material verbal que lhes dá corpo” (FRANCKEL, 2011, p.16).

À vista disso, a unidade linguística SUPOSTO geralmente é tomada pelo dicionário como um adjetivo ou substantivo masculino que propõe a “dedução de alguma coisa” ou que “se faz passar falsamente por outro” (MICHAELIS, 2022). Mas, vejamos o seguinte enunciado:

O oficial comandou a varredura no prédio onde Isabella morreu à procura de um SUPOSTO ladrão que não foi encontrado.

Se SUPOSTO é a “dedução de alguma coisa” ou que “se faz passar falsamente por outro”, como afirma o dicionário, ladrão no enunciado apresentado existe? Se existe, está se passando falsamente por outro? Perceba que o dicionário designa as unidades linguísticas tomando-as como já existentes no tempo e no espaço. O que se tem é a experiência do dicionarista, com as unidades linguísticas, demonstrada nas acepções dadas.

Interessa-nos, neste artigo analisar, sustentados nos pressupostos da TOPE, enunciados com ocorrência de SUPOSTO. O nosso intuito consiste em apreender os processos enunciativos de seus funcionamentos, com foco no papel da construção da significação e do valor semântico que estabilizam.

Para tanto, organizamos estruturalmente este artigo em cinco seções. Nesta introdução, como é possível perceber, apresentamos nosso objetivo, problemática e suporte teórico; na seção dois discorreremos sobre a compreensão da linguagem numa perspectiva culioliana; na seção três, por sua vez, trouxemos o que a TOPE postula como noção e domínio nacional; enquanto que na seção quatro explicitamos o nosso movimento de análise de enunciados com ocorrências da unidade linguística SUPOSTO; por fim, apresentamos as nossas considerações finais e referências.

## 2. A Linguagem na perspectiva Culioliana: A atividade de linguagem

De acordo com Franckel (2011), a abordagem construtivista postula que a linguagem não é um sistema transparente. Nessa perspectiva, o processo de significação não pode ser compreendido, tendo um sentido pré-estabelecido, mas sim pela construção e reconstrução do enunciado, considerando as relações que se estabelecem entre os marcadores nesse enunciado.

Logo, há uma relação dinâmica no enunciado, pois o uso dos marcadores acontece de maneira flexível e instável, fazendo com que esse material verbal seja suscetível a diferentes arranjos, levando-o a desembocar uma diversidade de sentidos, resultantes dos agenciamentos de marcas e formas. Assim, para Culioli (1990), a enunciação deve ser entendida como um processo que se constitui por meio de um agenciamento de marcas, ou seja, um arranjo e rearranjo de formas, a partir da atividade de linguagem.

A linguagem e língua estão inter-relacionadas e não separadas. Em vista disso, Culioli (1990) diz que o seu objeto de estudo é a atividade de linguagem, na qual estudamos o funcionamento da linguagem, por meio da materialização dos textos e do agenciamento de formas, isto é, trata-se de “uma atividade de produção e reconhecimento de *formas*; ora, essas formas não podem ser estudadas independentemente dos textos, e os textos não podem ser independentes das línguas. (Tradução nossa de CULIOLI, 1990, p. 14, grifo do autor)<sup>3</sup>”.

Nesse enfoque, a linguagem é compreendida como uma atividade tripla de representação, referenciação e regulação. Essa divisão, porém, só acontece teoricamente, já que essas operações acontecem simultaneamente.

De acordo com Culioli (1990) a atividade de representação consiste na capacidade individual que cada sujeito tem de apreender o mundo físico, a partir das relações estabelecidas com o mundo, com os outros e com as coisas. Essa atividade se divide em três níveis: o nível I das representações mentais, o nível II das representações linguísticas e o nível III das representações metalinguísticas. São esses três níveis que constituem as operações.

O nível I constitui-se pelas operações cognitivas, as quais não temos acesso diretamente. De acordo com Culioli (1985), nesse nível representamos a maneira como vemos as coisas do mundo de modo particular. Para tanto, devemos considerar a maneira como cada indivíduo constrói as suas experiências com o mundo físico, desde a sua mais tenra infância.

As representações do nível I são entendidas como operações abstratas já que é impossível visualizar como essas operações coocorrem no cérebro de cada indivíduo e como cada sujeito experiencia o mundo físico. Esse processo possibilita a construção das nossas noções. Dessa forma, nós, enquanto linguistas, não conseguimos acessar ao nível I (noções) de maneira simétrica, por meio do material linguístico (nível 2), justamente, por se tratar de um âmbito cognitivo. O que acontece é um retorno ao nível I pelo nível II.

O nível II é denominado por Culioli (1990) como o nível das representações linguísticas. Aqui, acontece a materialização das línguas em forma de textos, trazendo resquícios do nível I de maneira indireta.

O nível III é caracterizado como o nível das representações metalinguísticas, sendo ele de acesso restrito aos linguistas. Nesse nível temos sequências textuais advindas dos observáveis (nível 2) que são construídas por meio do retorno ao nível I. No nível III,

---

<sup>3</sup> No original: Une activité de production et de reconnaissance de *formes*, or, ces formes ne peuvent pas être étudiées indépendamment des textes, et les textes ne peuvent être indépendants des langues.

conseguimos compreender o nível II, bem como a sua relação com o nível I, a partir de operações, como glosas e paráfrases.

A atividade de referenciação acontece a partir da relação entre o nível I e o nível II. A teoria construtivista postula que o sentido não está pronto como se fosse um referente estático no extralinguístico, mas ele é construído a partir da relação desses níveis, em que a atividade de referenciação é entendida como uma operação de localização (*repérage*). Logo, para construirmos sentido, precisamos dos valores referenciais, da mesma forma que para construirmos os valores referenciais, precisamos das representações linguísticas.

A atividade de regulação apresenta a constante construção de ajustamentos por parte dos sujeitos enunciadoreis. Aqui, acontece uma busca pelo sentido, a partir da relação entre as atividades de representação e referenciação. Como já citamos, na atividade de representação cada indivíduo tem as suas representações mentais (noções), assim pode acontecer uma falha na hora da comunicação, quando o sentido é reconstruído pelo interlocutor. É nesse momento em que os ajustamentos aparecerão, por meio da atividade reguladora.

### **3. Noção, domínio nocional e ocorrência**

Para Culioli (1990), a noção engloba um complexo de representações físico-culturais que o sujeito constrói de modo particular, baseando-se no universo extralinguístico. Essas representações se constituem no nível I, das representações mentais. As representações mentais abarcam certa complexidade por estarem no domínio cognitivo e não no domínio da linguística. Nesse sentido, as noções, somente, tornam-se acessíveis por meio das representações linguísticas.

Cabe frisar que, embora as noções sejam recuperadas a partir das representações linguísticas, cada indivíduo constrói a sua experiência com o mundo, logo, não temos uma categorização definida para os objetos e as coisas, porém, o que temos é a materialização das noções que ocorre através do agenciamento de marcas e formas.

Franckel (2011, p. 92) ressalta que a noção: “[...] implica, portanto, relacionar uma ordem de existência, que não é materializável, nem exibível, nem dizível em si com marcas dessa existência, e que jamais são senão marcas.” Assim, de acordo com o autor as noções só podem ser apreendidas por meio das ocorrências, isto é, por meio do próprio enunciado.

Nessa perspectiva, o domínio nocional é representado por uma classe de ocorrências abstratas, as quais permitem com que a noção se torne parcialmente quantificável. Portanto, o domínio nocional resulta tanto da extensão de uma noção, quanto é considerado como qualitativo, por se constituir de um interior-centro organizador, fronteira e exterior.

### **4. Suposto e os processos de construção de significação em TOPE**

Conforme já explicitamos nas seções anteriores, para Antoine Culioli (1990), a enunciação não é concebida como um ato, mas como um processo que se recupera a partir do enunciado. O enunciado de que trata Culioli é um arranjo de marcas linguísticas, a partir do qual se organiza um certo efeito significativo, em outras palavras, o enunciado representa o resultado de um conjunto de operações de linguagem.

Dessa forma, a linguagem é atividade, é representação e, assim sendo, se manifesta a partir de diversos domínios, sejam físicos, mentais ou culturais de uma língua.

Não nos convém saber por que se produzem textos, mas como se organizam linguisticamente os textos. A linguagem, nesse processo de construção e reconstrução de significação, é entendida como uma atividade da qual resultam operações de representação mental, referenciação linguística e regulação intersubjetiva, as quais são realizadas de forma interdependentes.

Faremos, a seguir, a análise de 4 (quatro) enunciados com ocorrência de SUPOSTO. Os enunciados foram retirados de páginas de notícias e/ou jornais on-line.

Passemos para a análise do enunciado 01:

#### **Enunciado 01<sup>4</sup>**

A defesa do casal Nardoni pretende pedir à Justiça que a Polícia Civil investigue se há envolvimento do tenente da PM Fernando Neves Braz, 34, que se suicidou anteontem depois de ser investigado por pedofilia, com a morte de Isabella Nardoni, 5, em 29 de março em São Paulo. O oficial comandou a varredura no prédio onde Isabella morreu à procura de um SUPOSTO ladrão que não foi encontrado.

Empiricamente a noção que temos de ladrão é de alguém que rouba alguém em um dado lugar e tempo. Mas, perceba que no enunciado 01, tem-se a negação da existência de ladrão, na verdade, há negação de ausência de existência. Pois, o ladrão (esperado) não foi encontrado, porque não havia ladrão para ser encontrado. Ou alguém não encontrou ladrão porque não havia ladrão para ser encontrado. Alguém procurou uma ocorrência de ladrão que poderia existir ou não. Alguém não encontrou o que existia para ser procurado e por isso não foi encontrado.

A ausência de existência (o vazio) fica facilitada para esse enunciado em razão da presença do artigo indefinido que pressupõe uma predicação de existência para ladrão. A ausência de existência de ladrão fez que uma ocorrência de ladrão não fosse encontrada por alguém ou alguém procurou e não encontrou uma ocorrência (existência) de ladrão porque não havia ladrão para ser procurado/encontrado por alguém.

Vejamos, em sequência, o enunciado 02.

#### **Enunciado 02<sup>5</sup>**

TRE-MA encaminha denúncia sobre suposta venda de sentenças para o TSE.

No enunciado 02, com base em uma asserção não validada, o TRE-MA encaminha denúncia ao TSE, ou seja, com base no incerto atitudes são tomadas como, por exemplo, o encaminhamento de denúncia ao TSE. Dessa forma, basta que um ato de estupro seja considerado, ainda que não seja validado, para que uma pessoa seja presa. É suficiente que alguém enuncie “Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá são os supostos assassinos de Isabella Nardoni” para que um país inteiro reivindique as piores punições para Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, incluindo a morte do casal.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u407568.shtml>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://correio-forense.jusbrasil.com.br/noticias/582997/tre-ma-encaminha-denuncia-sobre-suposta-venda-de-sentencas-para-o-tse>>. Acesso em 12 de março de 2022.

A falta de validação da asserção deixa nas mãos do co-enunciador a responsabilidade de perceber a instabilidade da relação. Se o co-enunciador, passando pela instabilidade, a estabiliza, segundo sua experiência, em favor de um valor (houve, existiu, aconteceu) ou de outro (não houve, não existiu, não aconteceu), pode tomar atitudes precipitadas e até mesmo inconsequentes ou, ainda, ser condescendente com atitudes ilícitas.

Passemos para a análise do enunciado 03.

### **Enunciado 03**<sup>6</sup>

A Prefeitura de Ilhota (112 km de Florianópolis) quer que a Polícia Civil investigue uma SUPOSTA invasão de um galpão com roupas e calçados para os afetados pelas chuvas de novembro em Santa Catarina. Ilhota foi a cidade mais afetada pelos deslizamentos de terra por causa da chuva. A Defesa Civil registrou 47 mortes no município. Cerca de 10% dos 12 mil moradores ainda estão fora de casa.

No enunciado 03 tem-se a seguinte representação visada: (ser invasão do galpão). Assim, pode dizer que alguém ou alguma coisa fazer que a invasão do galpão exista [quando se omite a marca SUPOSTO, fica-se entre o exista e o não exista].

As dificuldades ou facilidades para efetuar o processo (alguém ou alguma coisa fazer que a invasão do galpão exista) é a presença de investigar. A invasão do galpão pode/não pode (devido ao SUPOSTO) ser a invasão do galpão. À vista disso, tem-se <Alguém quer que alguém faça que alguma coisa seja>, isto é, Alguém (A Prefeitura de Ilhota) quer que alguém (a Polícia Civil) valide uma ocorrência de <alguém invadir galpão>.

Vejamos, a seguir, o enunciado 04.

### **Enunciado 04**<sup>7</sup>

Ministra Rosa Weber autoriza abertura de inquérito para apurar SUPOSTO delito praticado pelo presidente da República.

Empiricamente, delito é alguma coisa que alguém pratica que infringe as leis estabelecidas em uma sociedade. No entanto, perceba que no enunciado 04 tem-se uma asserção não validada. Ainda assim, com base no incerto (suposto delito), a Ministra autoriza a abertura de um inquérito.

Os obstáculos ou possibilidades para chegar ao processo (alguma coisa que alguém pratica que infringe as leis estabelecidas em uma sociedade para que o delito exista) é a presença de apurar. O delito, devido ao SUPOSTO, existe ou não existe.

De modo semelhante como visto no enunciado 02, aqui a asserção não validada também coloca nas mãos do co-enunciador a responsabilidade de perceber a instabilidade desta relação, o que pode levá-los a tomar atitudes precipitadas.

<sup>6</sup> Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u488001.shtml>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.nossodireito.com.br/2021/07/04/ministra-rosa-weber-autoriza-abertura-de-inquerito-para-apurar-suposto-delito-praticado-pelo-presidente-da-republica/>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

## 5. Considerações finais

Considerando a trajetória que realizamos neste artigo é importante pontuar que a TOPE concebe a linguística como a ciência cujo objeto de estudo é a linguagem em articulação com as línguas naturais. Desse modo, trabalhamos com os processos de construção dos enunciados levando em conta sua trajetória e operações de linguagem envolvidas nesse processo e não um valor dado.

Apresentamos alguns conceitos que foram fundamentais para o movimento de análises que realizamos. Dentre esses, a assunção de noção, como um conjunto de propriedades físico-culturais, e de domínio nacional como uma classe de ocorrências abstratas.

No decorrer das análises percebemos a unidade linguística SUPOSTO funcionando como um gesto de dúvida. Sua presença no processo de construção dos enunciados provocou obstáculos para estabilização de valores de acordo com o empírico do que seria, por exemplo: ladrão, venda, invasão e delito. Bem como provocou a negação de existência e/ou ausência de existência. A estabilidade, como visto, é o resultado de um jogo constante de ajustamento que ocorre no processo de construção dos enunciados pelos sujeitos enunciadoreis.

Temos consciência de que não esgotamos as possibilidades de análise com as ocorrências da unidade linguística SUPOSTO pela TOPE. Mas, esperamos que as reflexões propostas neste artigo contribuam para a compreensão de uma linguística semântica enunciativa.

## REFERÊNCIAS

- CULIOLI, A. **Notes du séminaire de D.E.A .-** 1983-1984. Paris 7, 1985.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations.** Tome I. Paris: Ophrys, 1990.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage.** Tome II. Paris: Ophrys, 1999a.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Domaine notionnel.** Tome III. Paris: Ophrys, 1999b.
- Dicionário Michaelis. **Versão eletrônica.** Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 14 de maio de 2022.
- FRANCKEL, J. J. **Introdução.** In: VOGUÉ, S de; FRANCKEL, J-J; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Contexto, 2011. P. 15-30.
- FRANCKEL, J. J. **Referência, referenciação e valores referencias.** In: VOGUÉ, S de; FRANCKEL, J-J; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Contexto, 2011. P. 31-55.
- FRANCKEL, J. J; PAILLARD, De. **Aspecto da teoria de Antoine Culioli.** In: VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, J-J; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.
- PRIA, A. D. **A semântica operatória de “falso”.** Revista do GEL, v. 15, n. 2, p. 132-146, 2018.



<https://doi.org/10.30681/2594.9063.2022v6n2id11672>

REZENDE, L.M. **Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais**. 2000, 456f. Tese (livre-docência em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2000.

---

**Como citar este trabalho:**

FERREIRA, Marly de Fátima; PRIA, A. D. A determinação semântica de suposto: um estudo sob a óptica da teoria das operações predicativas e enunciativas. **Traços de linguagem**, v. 6, n. 2, 57-64, 2022.

---